

1.

a lua de mel

SE EU PEGASSE TODOS OS POEMAS ROMÂNTICOS, TODOS OS livros, todas as músicas e todos os filmes que já li, escutei ou vi, extraísse os momentos mais empolgantes de cada um e os juntasse de alguma forma, eles não seriam nada em comparação a esse momento.

Esse momento é incomparável.

Ela está deitada de lado, virada para mim, o cotovelo debaixo da cabeça e a outra mão acariciando a minha, que está parada entre nós na cama. Seu cabelo está esparramado no travesseiro, caindo nos ombros e pescoço. Ela está fitando os próprios dedos, que fazem círculos na minha mão. Já faz quase dois anos que a conheço, e jamais a tinha visto tão contente. Ela não está mais carregando sozinha o peso que foi sua vida nos últimos dois anos, e isso é notável. Quase como se, no momento em que dissemos “sim” no dia anterior, os sofrimentos e as mágoas que enfrentávamos como indivíduos tivessem se misturado, tornando nossos passados mais leves e fáceis de carregar. De agora em diante, serei capaz de fazer isso por ela. Caso haja mais fardos, vou poder carregá-los *por* ela. É tudo o que sempre quis fazer por essa garota desde o primeiro instante em que a vi.

Ela olha para mim e sorri, depois dá uma risada e enter-
ra o rosto no travesseiro.

Eu me inclino para ela e a beijo no pescoço.

— Está rindo de quê?

Ela levanta a cabeça do travesseiro; as bochechas num
tom vermelho-escuro. Balança a cabeça e ri.

— Da *gente* — diz ela. — Só se passaram 24 horas, e já
perdi a conta.

Beijo sua bochecha escarlate e rio.

— Não aguento mais contar, Lake. Já fiz contagens re-
gressivas demais para uma vida só. — Passo o braço ao redor
de sua cintura e a puxo para cima de mim. Quando ela se in-
clina para me beijar, o cabelo cai entre nós. Estendo o braço
até o criado-mudo para pegar o elástico, torço suas mechas
para formar um coque e as prendo. — Pronto — digo, puxan-
do o rosto dela para perto do meu mais uma vez. — Melhorou.

Ela fez questão de que tivéssemos roupões nos quartos,
mas até agora não os usamos uma vez sequer. Sua camisa
feia está no chão desde que a joguei ali na noite anterior.
Nem preciso dizer que essas foram as melhores 24 horas de
minha vida.

Ela beija meu queixo e vai levando os lábios até meu
ouvido.

— Está com fome? — sussurra.

— Não de comida.

Ela se afasta e sorri.

— Ainda temos mais 24 horas aqui, sabia? Se quer con-
tinuar seguindo meu ritmo, é melhor recarregar as ener-
gias. Além disso, a gente acabou não almoçando hoje, não
sei por quê. — Ela rola para longe de mim, estende o braço
para o criado-mudo e pega o cardápio de serviço de quarto.

— Nada de hambúrguer — digo.

Ela revira os olhos e ri.

— Você nunca vai esquecer isso. — Ela dá uma olhada no cardápio, levanta-o e aponta para ele. — Que tal bife Wellington? Sempre quis provar isso.

— Parece bom — afirmo, aproximando-me dela. Layken pega o telefone para ligar para o serviço de quarto. Enquanto está na ligação, beijo suas costas de cima para baixo, obrigando-a a conter as risadas para manter a compostura enquanto faz o pedido. Ao desligar o telefone, ela desliza para baixo de mim e puxa as cobertas por cima de nós.

— Você tem vinte minutos — sussurra ela. — Acha que dá conta?

— Só preciso de dez.

O BIFE WELLINGTON não desapontou. O único problema foi que ficamos cheios e cansados demais para nos mexer. Ligamos a televisão pela primeira vez desde que carreguei Lake para dentro do quarto, então acho que posso afirmar que teremos um intervalo de no mínimo duas horas.

Nossas pernas estão entrelaçadas, e a cabeça dela está no meu peito. Estou passando os dedos pelo seu cabelo e acariciando seu pulso com a outra mão. Por algum motivo, essas coisas triviais, como ficar deitado na cama vendo televisão, se tornam um tanto empolgantes quando estamos tão emaranhados assim.

— Will? — Ela se apoia no cotovelo e olha para mim. — Posso perguntar uma coisa? — Ela alisa meu peito e depois poussa a mão no meu coração.

— Dou doze voltas na pista de corrida da faculdade e faço cem abdominais duas vezes ao dia — digo. Ela ergue a

sobrancelha, então aponto para minha barriga. — Não ia perguntar sobre meu abdômen?

Ela ri e me dá um murro de brincadeira.

— Não, não ia perguntar sobre seu *abdômen*. — Ela se inclina e beija minha barriga. — Mas ele é bonito *mesmo*.

Aliso sua bochecha e a faço olhar para mim novamente.

— Pode me perguntar qualquer coisa, linda.

Ela suspira, abaixa o cotovelo e deita a cabeça no travesseiro mais uma vez, encarando o teto.

— Você se sente culpado às vezes? — pergunta ela baixinho. — Por estar se sentindo tão feliz?

Eu me aproximo dela e apoio o braço em sua barriga.

— Lake. Nunca se sinta culpada. É exatamente isto que eles iriam querer para você.

Ela olha para mim e abre um sorriso forçado.

— Eu sei que é o que eles gostariam. Mas é que... Não sei. Se eu pudesse desfazer tudo o que aconteceu para tê-los novamente ao meu lado, nem pensaria duas vezes. Mas, se fizesse isso, nunca teria conhecido você. Então me sinto culpada de vez em quando porque...

Pressiono meus dedos nos lábios dela.

— Shh — digo. — Não pense assim, Lake. Não pense no *e se*. — Eu me inclino e beijo sua testa. — Mas, se ajuda em alguma coisa, entendo o que está dizendo. Só que não adianta nada pensar nisso. As coisas são como são.

Ela segura minha mão e entrelaça nossos dedos, levando-os até sua boca e beijando o dorso de minha mão.

— Meu pai teria adorado você.

— Minha mãe teria adorado *você* — digo.

Ela sorri.

— Só vou falar mais uma coisa sobre o passado e prometo que paro com isso. — Ela olha para mim com um sorriso sutilmente malicioso. — Fico muito feliz por você ter levado um pé na bunda daquela vaca da Vaughn.

Dei uma risada.

— Nem me fale.

Ela sorri e solta os dedos dos meus. Vira-se para mim na cama e me olha. Puxo sua mão até minha boca e beijo a palma.

— Você acha que teria se casado com ela?

Rio e reviro os olhos.

— Sério, Lake? Quer mesmo falar sobre isso agora?

Ela sorri um pouco encabulada para mim.

— Só estou curiosa. Nunca conversamos direito sobre o passado. Agora que sei que você não vai a lugar algum, me sinto mais à vontade para falar sobre isso. Além do mais, tem muitas coisas sobre você que quero saber — diz ela. — Tipo o que sentiu quando ela terminou daquela maneira.

— Isso é um assunto estranho para conversar na nossa lua de mel.

Ela dá de ombros.

— Só quero saber tudo sobre você. Já vou ter seu futuro, agora quero conhecer seu passado. — Ela abre um sorriso. — Nós temos umas duas horinhas para matar antes que sua energia se recarregue completamente. O que mais podemos fazer?

Estou cansado demais para me mexer e, por mais que finja não estar contando, nove vezes em 24 horas deve ser algum recorde. Deito de barriga para baixo, coloco um travesseiro debaixo do queixo e começo a contar minha história para ela.

o fim do namoro

— BOA NOITE, CAULDER.

Apago a luz, esperando que ele não saia outra vez da cama. É nossa terceira noite a sós aqui. Ontem à noite ele estava morrendo de medo de dormir sozinho, então deixei que dormisse comigo. Espero que não se torne um hábito, mas eu entenderia perfeitamente se isso acontecesse.

Ainda não consigo assimilar tudo o que aconteceu nas últimas duas semanas, muito menos as decisões que tomei. Espero estar fazendo a coisa certa. Sei que meus pais querem que a gente fique junto, só acho que não vão gostar de me ver abdicando da bolsa de estudos por causa disso.

Por que fico me referindo a eles usando o presente?

Isso vai ser mesmo uma adaptação. Vou até meu quarto e me jogo na cama. Estou cansado demais até mesmo para estender o braço e desligar o abajur. Assim que fecho os olhos, escuto alguém bater de leve na porta.

— Caulder, você vai ficar bem. Volte para a cama — digo, me arrastando de alguma maneira para fora da cama, querendo convencê-lo a voltar para seu quarto. Ele conseguiu dormir sozinho por sete anos, então sei que é capaz de fazer isso novamente.

— Will?

A porta se abre, e Vaughn entra. Não fazia ideia de que ela vinha para cá hoje, mas fico agradecido que esteja ali. Ela parece saber exatamente quando eu mais preciso de sua companhia. Vou até ela, fecho a porta do quarto e a abraço.

— Oi — digo. — O que está fazendo aqui? Achei que ia voltar para a faculdade hoje.

Ela põe as mãos nos meus antebraços e os empurra para trás, abrindo o sorriso mais cheio de pena que já vi. Aproxima-se de minha cama e se senta, evitando fazer contato visual.

— A gente precisa conversar.

Seu olhar faz um calafrio percorrer minha nuca. Nunca a vi tão preocupada assim. Sento-me imediatamente ao lado dela na cama, levo sua mão até minha boca e a beijo.

— O que há de errado? Você está bem? — Coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha no mesmo instante em que suas lágrimas começam a cair. Eu a abraço e a puxo para meu peito. — Vaughn, o que foi? Me conte.

Ela não diz nada. Continua chorando, então dou um tempo a ela. Às vezes, as garotas só precisam chorar. Quando as lágrimas finalmente começam a parar, ela endireita a postura e segura minhas mãos, mas continua sem me encarar.

— Will... — Ela hesita. A maneira como diz meu nome, o tom de sua voz... Meu coração entra em pânico. Ela me observa, mas não consegue sustentar o olhar e logo vira o rosto.

— Vaughn? — digo, hesitante, na esperança de estar interpretando as coisas erroneamente. Ponho a mão em seu queixo e faço com que ela olhe na minha direção. O medo na minha voz está bem nítido quando pergunto: — O que está fazendo, Vaughn?

Ela parece quase aliviada por eu ter percebido suas intenções. Então, balança a cabeça.

— Sinto muito, Will. Sinto muito mesmo. É que não consigo mais fazer isso.

As palavras dela me deixam totalmente chocado. *Isso?* Ela não consegue mais fazer *isso?* Quando foi que a gente se transformou em *isso?* Não respondo. Afinal, o que eu poderia responder?

Ela percebe meu choque, então aperta minha mão e sussurra novamente:

— Sinto muito mesmo.

Eu me afasto e me levanto, virando de costas para ela. Passo as mãos pelo cabelo e respiro fundo. De repente, a raiva que está crescendo dentro de mim passa a ser acompanhada por lágrimas que não quero que ela veja.

— Não esperava que nada disso acontecesse, Will. Sou nova demais para ser mãe. Não estou pronta para esse tipo de responsabilidade.

Ela vai mesmo fazer isso. Está mesmo terminando comigo. Só se passaram duas semanas desde que meus pais morreram, e ela vai partir meu coração mais uma vez? Quem *faz* esse tipo de coisa? Ela não está pensando direito. É apenas o choque... só isso. Eu me viro para encará-la, sem me importar que ela veja o quanto isso está me afetando.

— Eu também não esperava nada disso — digo. — Tudo bem, você só está assustada. — Eu me sento na cama ao lado dela e a puxo para perto de mim. — Não estou pedindo para que seja mãe dele, Vaughn. Não estou pedindo para que seja *nada* agora. — Abraço-a com mais força e pressiono os lábios em sua testa, algo que a faz voltar a chorar imediatamente. — Não faça isso — sussurro no cabelo dela. — Não faça isso comigo. Não agora.

Ela vira a cabeça para o lado.

— Se eu não fizer isso agora, nunca mais vou ser capaz de fazer.

Ela se levanta e tenta ir embora, mas eu a puxo para perto e ponho os braços ao redor de sua cintura, pressionando minha cabeça em sua barriga.

— *Por favor.*

Ela passa as mãos pelo meu cabelo e no meu pescoço, curva-se para a frente e beija o topo de minha cabeça.

— Estou me sentindo péssima, Will — sussurra ela. — *Péssima*. Mas não posso viver uma vida que não estou pronta para viver só porque sinto pena de você.

Pressiono a testa em sua camisa e fecho os olhos, assimilando as palavras.

Ela está com *pena* de mim?

Solto meus braços e empurro sua barriga. Ela afasta as mãos e dá um passo para trás. Eu me levanto e vou até a porta do quarto, abrindo-a para indicar que ela precisa ir embora.

— A última coisa que quero é que sinta pena de mim — digo, olhando-a nos olhos.

— Will, não — implora Vaughn. — Por favor, não fique com raiva de mim.

Ela me olha com lágrimas nos olhos. Quando ela chora, seus olhos ficam com um tom azul-escuro e enevoado. Eu dizia que eles tinham exatamente a mesma cor do mar. Olhar nos olhos dela nesse momento quase me faz *odiar* o mar.

Eu me viro e seguro os dois lados da porta, pressionando a cabeça na madeira. Fecho os olhos e tento me conter. Parece que a pressão, o estresse, as emoções que têm se acumulado dentro de mim nas últimas duas semanas... parece que vou explodir.

Ela põe a mão no meu ombro delicadamente, tentando me consolar. Mexo o ombro para que tire a mão e me viro para ela mais uma vez.

— Duas *semanas*, Vaughn! — grito. Percebo que gritei alto demais então abaixo a voz e me aproximo dela. — Eles

morreram faz *duas semanas*! Como é que pode pensar em *você mesma* agora?

Ela passa pela porta e segue para a sala. Eu a acompanho enquanto ela pega a bolsa no sofá e vai até a porta da casa. Ela a abre e se vira para mim antes de sair.

— Um dia vai me agradecer por isso, Will. Sei que agora não parece ser a coisa certa, mas um dia você vai perceber que estou fazendo o que é melhor para nós dois.

Ela se vira para sair, e eu grito:

— O que é melhor para *você*, Vaughn! Você está fazendo o que é melhor para *você*!

Assim que a porta se fecha após ela sair, perco o controle. Corro para meu quarto, bato a porta, me viro e a esmuro várias vezes, cada vez com mais força. Quando não consigo mais sentir a mão, aperto os olhos e pressiono a testa na porta. Tive de assimilar tanta coisa nas últimas duas semanas — não sei como lidar com isso também.

O que diabos aconteceu com minha *vida*?

Após um tempo, volto para a cama e me sento com os cotovelos nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos. Minha mãe e meu pai estão sorrindo e me observando, presos no porta-retratos de vidro que fica no criado-mudo. Observando tudo o que aconteceu nas últimas duas semanas ir acabando aos poucos comigo.

Por que eles não estavam mais preparados para algo assim? Por que correriam o risco de me deixar com todas essas responsabilidades? A falta de preparo dos dois me custou a bolsa de estudos, o amor da minha vida e agora, muito provavelmente, meu futuro inteiro. Agarro o porta-retratos e coloco os dedos por cima da foto. Usando toda a força, fico pressionando até o vidro rachar entre as pontas de

meus dedos. Depois que ele se despedaça — assim como minha vida — jogo o corpo para trás e arremesso o porta-retratos na parede à minha frente com toda a força possível. A moldura se quebra ao meio ao colidir com a parede, e os cacos de vidro se espalham pelo carpete.

Quando estou me virando para desligar o abajur, a porta do quarto se abre novamente.

— Vá embora de uma vez, Vaughn. *Por favor.*

Ergo o olhar e vejo Caulder parado na porta, chorando. Parece apavorado. É a mesma expressão que tenho visto com frequência desde que nossos pais morreram. É a mesma expressão de quando dei um abraço de despedida nele no hospital, obrigando-o a ir embora com nossos avós. É a mesma expressão que parte meu coração toda vez que a vejo.

É uma expressão que faz com que eu recupere o controle imediatamente.

Enxugo os olhos e gesticulo para que ele se aproxime. Após ele fazer isso, eu o envolvo com os braços e o puxo para meu colo, abraçando-o enquanto ele chora baixinho em minha camisa. Eu o balanço para a frente e para trás e aliso seu cabelo. Beijo-o na testa e o puxo mais para perto.

— Quer dormir comigo de novo, amigão?